



**PRAZER E SOFRIMENTO NO ESPORTE DE ALTO  
RENDIMENTO INDIVIDUAL**

**PLEASURE AND SUFFERING IN INDIVIDUAL HIGH  
PERFORMANCE SPORT**

**PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL DEPORTE INDIVIDUAL DE  
ALTO RENDIMIENTO**

César Henrique de Mendonça<sup>1</sup>  
Mônica Carvalho Alves Cappelle<sup>2</sup>  
Luiz Henrique Rezende Maciel<sup>3</sup>

DOI: 10.54751/revistafoco.v16n5-136

Recebido em: 25 de Abril de 2023

Aceito em: 24 de Maio de 2023



**RESUMO**

O presente estudo teve como objetivo verificar junto à ex-atletas de modalidades individuais de alto rendimento, ou seja, que tiveram o esporte como profissão, percepções de prazer e/ou sofrimento no trabalho. Foi demonstrado que o esporte de alto rendimento representa um campo de trabalho, uma vez que gera recursos financeiros, sociais, culturais, e desperta o interesse do Estado e da sociedade. Através da Análise de Conteúdo realizada por meio de duas categorias, uma que agregou as vivências de prazer no esporte de alto rendimento, e outra as vivências de sofrimento, verificou-se que os elementos que compõem o cenário esportivo provocam no atleta tanto emoções positivas quanto negativas. Concluiu-se que, como nas demais profissões, a carreira no esporte apresenta possibilidades diversas para os atletas, tanto de sensações de prazer como de sofrimento, cabendo ao esportista buscar meios de enfrentamento das situações menos gratificantes, objetivando sempre conquistas prazerosas através da superação das adversidades.

**Palavras-chave:** Prazer e sofrimento no trabalho; esporte de alto rendimento individual; carreira esportiva; esporte como profissão.

**ABSTRACT**

The present study aimed to verify with former athletes of individual high performance sports, that is, who had sports as a profession, perceptions of pleasure and/or suffering at work. It was demonstrated that high performance sport represents a work field, once it generates financial, social and cultural resources, and awakens the interest of the State

<sup>1</sup> Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Trevo Rotatório Professor Edmir Sá Santos Universidade Federal de, Lavras - MG, CEP: 37203-202. E-mail: [cesarh.mendonca@gmail.com](mailto:cesarh.mendonca@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Administração. Universidade Federal de Lavras (UFLA). Trevo Rotatório Professor Edmir Sá Santos Universidade Federal de, Lavras - MG, CEP: 37203-202. E-mail: [edmo@ufla.br](mailto:edmo@ufla.br)

<sup>3</sup> Doutorado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Trevo Rotatório Professor Edmir Sá Santos Universidade Federal de, Lavras - MG, CEP: 37203-202. E-mail: [luizhenrique@ufla.br](mailto:luizhenrique@ufla.br)

and of the society. Through the Content Analysis carried out by means of two categories, one that aggregated the experiences of pleasure in high performance sports, and the other the experiences of suffering, it was verified that the elements that make up the sports scenario provoke in the athlete both positive and negative emotions. It was concluded that, as in other professions, a career in sports presents several possibilities for athletes, both of pleasurable and suffering sensations. It is up to the athlete to seek ways of coping with less gratifying situations, always aiming at pleasurable achievements by overcoming adversities.

**Keywords:** Pleasure and suffering at work; individual high performance sports; sport career; sport as a profession.

### **RESUMEN**

El presente estudio tuvo como objetivo verificar con los ex-atletas de deportes individuales de alto rendimiento, es decir, que tenían el deporte como profesión, percepciones de placer y/o sufrimiento en el trabajo. Se demostró que el deporte de alto rendimiento representa un campo de trabajo, una vez que genera recursos financieros, sociales y culturales, y despierta el interés del Estado y de la sociedad. A través del Análisis de Contenido realizado por medio de dos categorías, una que agrega las experiencias de placer en el deporte de alto rendimiento, y otra las experiencias de sufrimiento, se verificó que los elementos que componen el escenario deportivo provocan en el atleta tanto emociones positivas como negativas. Se concluyó que, como en otras profesiones, la carrera deportiva presenta diversas posibilidades para los atletas, tanto de sentimientos de placer como de sufrimiento. Cabe al deportista buscar formas de lidiar con las situaciones menos gratificantes, siempre con el objetivo de alcanzar logros placenteros mediante la superación de las adversidades.

**Palabras clave:** Placer y sufrimiento en el trabajo; deporte individual de alto rendimiento; carrera deportiva; el deporte como profesión.

## **1. Introdução**

Na sociedade atual a prática do esporte é vista como sinônimo de saúde física, gerando equilíbrio emocional ao praticante. É comum a afirmação entre profissionais da área que esporte é saúde, trazendo benefícios e até mesmo felicidade. Porém, quando se observa a rotina de atletas profissionais, quando o esporte passa a ser uma forma de trabalho, é possível perceber a existência de muitos treinamentos que demandam grandes esforços, trazendo à tona que, se o esporte pode causar a sensação de prazer, o mesmo vale para a sensação de sofrimento.

Ao adotar o esporte como profissão, o atleta busca, como em qualquer outra ocupação, o reconhecimento pelo seu esforço e empenho. Para tanto, deve investir constantemente em sua carreira, fazendo o gerenciamento do seu tempo para treinamentos e tomando suas decisões. O atleta deve estar preparado para

enfrentar a ansiedade causada por essas pressões e, aliado a isso, ainda precisa abdicar de momentos com familiares e amigos, vivendo no mundo paralelo da prática do esporte profissional.

Conforme Van Rossum (2004), as condições ambientais adequadas para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento englobam os aspectos referentes ao treinamento esportivo (anos de treinamento, qualidade do treinamento, qualidade do professor/técnico), as condições psicosócioeconômicas (apoio dos pais, técnicos e colegas, condições financeiras para treinar, apoio médico), assim como o sistema organizacional do esporte na sociedade (nacional e regional) e, especificamente, da modalidade esportiva considerada.

Para se tornar um atleta de elite, é necessário ter disciplina, treinar por muitos anos, dedicar-se quase exclusivamente ao esporte e, geralmente, iniciar a carreira no esporte em idade muito precoce. O desenvolvimento do atleta precisa ser focado além dos aspectos físicos, técnicos e táticos, englobando também a preocupação com o desenvolvimento intelectual, motivacional, emocional e social (COSTA, 2007; SAMULSKI, 2008). Isso gera inúmeras abdições e esforço sem limite para alcançarem os resultados que almejam e dos quais dependem suas carreiras. Historicamente, o trabalho tem diferentes definições, baseadas na percepção e/ou necessidade do trabalhador em relação ao seu desenvolvimento; há também que se considerar o trabalho não é somente um meio de autorrealização e reconhecimento, mas também de prazer e sofrimento (DEJOURS, 2004). Diante do exposto, pergunta-se: quais são as principais experiências de prazer e sofrimento vivenciadas por atletas de alto rendimento?

O objetivo deste artigo é verificar percepções de prazer e/ou sofrimento no trabalho junto à ex-atletas de modalidades individuais de alto rendimento que tiveram o esporte como profissão. Para tanto, elaborou-se um referencial teórico e uma revisão de literatura sobre esporte de alto rendimento, sobre a psicodinâmica do trabalho e sobre o prazer e sofrimento que ele envolve na prática esportiva profissional. Em seguida, apresenta-se a metodologia utilizada para a pesquisa, os resultados e as considerações finais.

## **2. O Esporte como Trabalho: O Atleta de Alto Rendimento**

O trabalho ocupa posição central na sociedade. Segundo Dejours (2004a, p. 18), “[...] o trabalho desempenha um papel essencial de formação do espaço público, pois trabalhar não é tão-só produzir: trabalhar é ainda viver junto”. O autor parte do pressuposto de que o trabalho deve sempre ser pensado como social.

Para Coutinho (2009), o trabalho é a implicação de forças humanas para atingir determinado fim ou meta, dentro e fora do local de sua execução. Dessa forma o trabalho está compreendido no desenvolvimento da carreira, uma vez que essa se desenvolve a partir do alcance de metas. Tal afirmação reforça que a construção da carreira através de uma profissão envolve dedicação e comprometimento em todas as fases que a compreendem, tendo em vista que ela é dinâmica e contínua, demandando do indivíduo grande envolvimento.

Fazendo um resgate histórico, Guttman (1978), define o esporte como uma forma genuína de adaptação do homem à vida moderna, podendo ser entendido como um tipo de trabalho disfarçado e desmoralizante. Tal definição é devido ao fato de o esporte apresentar características comuns a outros trabalhos, como a disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia. Para a autora, é incoerente se analisar ou estudar o esporte alheio às organizações sociais, porque ele é um fenômeno cultural complexo e de grande importância para a sociedade contemporânea, capaz de representar inúmeras manifestações latentes nos diversos grupos sociais.

Para Brohm (1993), o esporte é visto como consequência do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, produto da diminuição da jornada de trabalho, da urbanização e da modernização dos transportes. Sua existência transforma o corpo em instrumento e o integra dentro do complexo sistema de forças produtivas. O atleta profissional é um novo tipo de trabalhador que vende a um patrão sua força de trabalho (capaz de produzir um espetáculo que atrai multidões); é valor de troca de sua força de trabalho, regulado pelas leis de oferta e procura do mercado.

A carreira no esporte é construída a partir de muito cedo, em certas

modalidades iniciando quando a criança tem por volta de cinco anos de idade (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005). A partir do ingresso nas competições esportivas, o atleta passa por diferentes etapas, culminando com o esporte de alto rendimento, que é o topo da carreira esportiva e que tem como foco o alcance de resultados nas competições que vão gradativamente se tornando mais difíceis e conseqüentemente necessitando de maior empenho, comprometimento e dedicação. É nesta fase que o atleta torna-se profissional, tendo em vista que o tempo de dedicação ao esporte atinge o seu ápice, necessitando de pleno envolvimento a fim de se atingir resultados excelentes.

Para Tenenbaum e Eklund (2007) e Wyllemann, Alfermann e Lavallee (2004), o termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos. Essa carreira é construída a partir de quando o indivíduo inicia a prática esportiva e segue até a sua aposentadoria como atleta. A sua duração é definida de acordo com as especificidades de cada modalidade. Normalmente, inicia-se a carreira esportiva na infância e se finda na idade adulta, antes dos 40 anos de idade (COB, 2017).

Salmela (1996) apresenta o esporte de alto rendimento como estruturado, orientado a uma tarefa e com demanda de comprometimento e esforço, sendo esse o nível que caracteriza o esporte profissional, bem como o ápice da carreira esportiva.

Ao abordar a carreira esportiva, torna-se importante caracterizar e diferenciar as diversas modalidades uma vez que inúmeros fatores, especialmente psicológicos, direcionam a escolha e a prática de uma modalidade (SAMULSKI, 2008). Nesse contexto e de forma generalizada, agrupam-se as modalidades em individuais e coletivas. Nas primeiras, o indivíduo depende exclusivamente do seu esforço e comprometimento a fim de alcançar suas metas; nas segundas, as responsabilidades são divididas pelos integrantes dos times, e o resultado depende do trabalho em equipe.

Costa (2007) apresenta que a legislação brasileira, conceitua esporte de alto rendimento como sendo aquele praticado segundo normas e regras

nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do país e essas com outras nações. Ainda nesse sentido, a legislação brasileira faz a distinção entre o esporte profissional e não profissional: o primeiro é caracterizado por remuneração definida através de contrato de trabalho, patrocínio ou quaisquer outras formas contratuais pertinentes, dessa forma, o atleta profissional é considerado como empregado de uma entidade ou organização esportiva ou afim, sendo a ele assegurados os direitos e deveres de uma pessoa que ocupa uma função específica em uma organização (LEI 12.395/11).

A partir do que foi apresentado, o esporte profissional pode ser considerado uma força de trabalho, uma vez que gera recursos financeiros, sociais, culturais, e desperta o interesse do Estado e da sociedade. Assim sendo, o atleta de alto rendimento e todos os demais envolvidos com o esporte nas suas mais diversas atuações, voltadas ao esporte de alto rendimento, representam este campo de trabalho.

### **3. A Psicodinâmica do Trabalho e as Vivências de Prazer e Sofrimento no Esporte**

A Psicodinâmica do Trabalho surgiu no final dos anos 1980 e foi desenvolvida por Christophe Dejours, quando o autor passou a direcionar seus estudos e pesquisas para a normalidade, deslocando a análise das doenças mentais para a análise das estratégias individuais e coletivas dos trabalhadores contra o sofrimento e as doenças mentais decorrentes da sua atividade laboral. Ela privilegia o estudo do homem no trabalho, na sua relação com os outros sujeitos e com o coletivo. Parte do pressuposto de que o trabalho é um lugar privilegiado para o exercício da palavra e da enunciação, fazendo a mediação entre o inconsciente e o campo social (DEJOURS, 1992; 1994; 1997; 1999).

O trabalho, ou atividade profissional, não é apenas uma forma de ganhar a vida, mas um modo de inserção social no qual os fenômenos psíquicos e físicos estão fortemente implicados, e pode ser um fator de equilíbrio e de desenvolvimento humano. Para isso, é necessário que o trabalho permita ao indivíduo aliar necessidades de diferentes ordens ao desejo de executar tarefas,



se tornando uma fonte de prazer. Quando a organização do trabalho não propícia ao indivíduo a satisfação de suas necessidades, tanto físicas quanto psíquicas, pode transformar-se em sofrimento e, conseqüentemente, em fator de deterioração e patologia (DEJOURS; DESSOURS; DESRIAUX, 1993).

Assim, se por um lado o mundo do trabalho é gerador de sofrimento e alienação, por outro, é este mesmo mundo que oferece aos trabalhadores a oportunidade de crescimento e desenvolvimento psíquico. Para Dejours (1994), esse crescimento psíquico tem suas origens, no reconhecimento, que seria uma retribuição esperada pelo indivíduo, sendo ela de natureza simbólica, no sentido de gratidão, podendo fomentar a construção do sentido do trabalho para o trabalhador. Essa dinâmica caracteriza-se como uma das mais importantes contribuições na transformação do sofrimento em prazer no contexto do trabalho.

Alderson (2004, p. 249) afirma que “a psicodinâmica do trabalho considera que o sofrimento é consubstancial a toda situação de trabalho, ou seja, é inerente à condição do homem no trabalho”.

Conforme Dejours (2000), exige-se do trabalhador um aumento da produtividade que é alcançado através da intensificação do ritmo de trabalho, que desconsidera a variabilidade do ritmo, os aspectos anatômicos, fisiológicos e cognitivos humanos. Dessa forma, as relações de trabalho se tornam cada vez mais competitivas, destruindo processos de cooperação e relações de confiança e solidariedade que protegem psiquicamente as pessoas, terminando por prevalecer o individualismo. O autor afirma que essa situação é vista pelos trabalhadores como inerente às atividades e necessária à manutenção dos empregos.

O prazer no trabalho também possui representação inconsciente, sendo resultado de processos sublimatórios, podendo ainda, ter sua origem em ganhos obtidos junto ao trabalho, que fomentam a realização de si mesmo, como as relações entre as pessoas, reconhecimento e valorização no trabalho, expressão da subjetividade individual e construção da identidade (DEJOURS, 1994).

No caso do atleta de alto rendimento, há o conceito de prática deliberada de Ericsson (2003) que apresenta, dentro de outros aspectos, a ausência de prazer físico e psicológico durante a prática, por se tratar de uma atividade com

grande demanda energética e necessidade de concentração excessiva, desta forma este aspecto deve ser considerado como indo ao encontro do que é apresentado por Dejours (1994). Nessa situação, pode se inferir que o prazer esteja relacionado ao que se obtém por meio do trabalho desenvolvido, por exemplo, status social ou remuneração financeira.

A seguir, serão apresentados alguns estudos que abordaram a percepção de prazer e/ou sofrimento em diferentes situações de trabalho, com ênfase no esporte.

Em pesquisa com bailarinos de uma companhia de dança, Santos (2008) concluiu que as vivências de prazer oriundas de conteúdos simbólicos e ergonômicos satisfatórios, como o reconhecimento do público, a realização de um trabalho que vai além da materialidade, a profissão exercida vista como a realização de um sonho, com um trabalho artístico e diferenciado, compensam o sofrimento e desgaste com o excesso de ensaios, técnicas, e exigência por performances rígidas.

De acordo com Gonçalves et al. (2012), o treinamento esportivo pode ser comparado a um processo de enfrentamento do mal estar, do incômodo, na medida em que se constitui como atribuição de uma carga sistemática de trabalho (estresse) que seja capaz de provocar as mudanças corporais necessárias ao desempenho. Em pesquisa com atletas e bailarinas, os autores verificaram que os mesmos sofrem, mas acreditam que cada cicatriz e hematoma, após a superação, os tornam superiores e fortalecidos.

Gonçalves et al. (2012) entendem que

há um movimento paradoxal nesse processo, uma vez que a entrega do corpo aos dispositivos do treinamento com a respectiva produção de sofrimento é emoldurada também por um projeto, ou seja, por um desejo de constituição de rendimento, de uma performance. Com isso o corpo não deixa de ser um meio para efetivar a técnica. É objeto que deve ser cobrado até o (ou acima do) limite, segundo as próprias palavras do sensei, quando diz aos caratecas que estes "Vão treinar acima do limite! Não vão pensando que aqui é pra ter saúde." (GONÇALVES et al., 2012, p.147).

O atleta de alto rendimento se depara com diversos fatores de prazer e sofrimento que contribuem diretamente no seu sucesso ou insucesso. Conforme Rossi et al. (2016), no caso do futebol feminino alguns desses fatores são mais



determinantes para o sucesso na carreira, e podem ser de sofrimento ou prazer de acordo com a capacidade de enfrentamento pelo praticante. Os autores apontam o enfrentamento de estresse como o desempenho sob pressão, que é a capacidade de o atleta de lidar com os fatores de pressão ao serem expostos a situações extremas, a confiança e motivação que o atleta tem de si mesmo e das metas que pode alcançar e a concentração como fatores em destaque, quando comparados atletas de alto de rendimento e praticantes não atletas.

No esporte de luta, conforme Adreato et al. (2012), o atleta de alto rendimento tem que lidar com diferentes metas de peso, já que a maioria das modalidades tem um limite de peso por categoria, e é aí que, na maioria das vezes, se encontra um fator de sofrimento para eles. Para os autores, não é raro encontrar algum depoimento de um atleta que já tenha sofrido ou passado por procedimento de perda de peso para se adequar a sua categoria, e o que acontece na maioria das vezes, é que o atleta tem sobrepeso, perdendo drasticamente uma quantidade enorme de peso em um curto espaço de tempo. Ainda segundo os autores, os efeitos para essa medida são extremamente prejudiciais, tanto para a saúde quanto para o psicológico do atleta, que, além de ficar mais expostos a alguma doença, ficam com um elevado nível de estresse.

Ao analisarem períodos de folga e de treinamento em uma equipe de voleibol feminina da Superliga no Brasil, Noce et al. (2011) destacam a importância de evitar sobrecargas nos treinos, que podem causar diversos efeitos maléficos e de sofrimento, principalmente a exposição a lesões e o aumento dos níveis de estresse.

Silva et al. (2010), ao analisarem a dor em atletas de alto rendimento, discorrem que os atletas reconhecem diferentes formas de dor, definindo a dor do treinamento como necessária para a melhoria física e a dor da lesão a responsável pela retirada do atleta. Os autores salientam, no entanto, que essa dor muitas vezes é ultrapassada, o que os expõe os atletas aos riscos e as lesões. Para os autores, um grande fator de sofrimento nos atletas é a possibilidade de serem substituídos caso não ultrapassem seus limites, dando lugar a alguém que opte por enfrentar a dor, o que os leva a adotarem o discurso que a dor faz parte do atleta, para amenizar o problema.

Silva (2010) buscou compreender as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de jogadores de futebol. Em suas conclusões, a autora percebeu um constante desejo de superação de si mesmos nesses atletas, impulsionado também por temores de substituição caso tenham queda de produtividade, o que é comum nessa profissão. A autora aponta que esta ameaça constante dificulta o pleno exercício da atividade por parte do atleta, ameaçando sua permanência na carreira e proporcionando sofrimento. Assim, a autora afirma que o atleta profissional de futebol, como qualquer outra profissão no Brasil, está submetido à lógica instrumental do sistema capitalista, obedecendo aos ditames mercadológicos e aos interesses dos detentores de poder, o que impossibilita a ressignificação do sofrimento com relação ao trabalho.

No vôlei de praia de alto rendimento, conforme Stefanello (2007), o atleta tem que lidar com diversos fatores de estresse, sendo o fator jogo o principal gerador de estresse para eles, decorrente do alto nível técnico dos rivais, muitas vezes superior ao seu desempenho máximo. As condições climáticas também são fatores de sofrimento e o excesso de calor, ou mesmo o vento e o frio durante as partidas, atrapalham o andamento do jogo e o rendimento dos atletas. Quanto ao corpo, os atletas citaram o cansaço físico e o desgaste muscular como fatores de sofrimento, além dos próprios erros cometidos muitas vezes decorrentes desses problemas físicos. Por fim, citaram a arbitragem, a ira e a irritação como pontos negativos. Como enfrentamento desses fatores de sofrimento os atletas concentram seus esforços em pensamentos positivos, respiração e preparação psicológica.

Vieira et al. (2010), em pesquisa com atletas de voleibol, verificou que o esporte se evidenciou com um ambiente positivo na construção do autoconceito, fonte de experiências congruentes que os influenciam a adquirirem uma tendência realizadora na busca de atingir objetivos e realizar metas.

Ao analisar a identidade de atletas de alto rendimento, Valle (2003) entende que

a valorização da performance excelente talvez seja mais exacerbada em modalidades esportivas individuais em que o desempenho depende exclusivamente do atleta e não de uma equipe ou time, resultando numa maior pressão pelo resultado. O sujeito se sente, muitas vezes, destituído de virtudes, porque o que conta para o

sucesso e para ser reconhecido como um bom atleta é a visibilidade da performance. Esse é um dos efeitos que produz sofrimento para esses jovens. Esse sofrimento algumas vezes pode desencadear a dificuldade de muitos atletas em conseguir encerrar sua carreira esportiva de forma tranquila, pois enfrentar o declínio da performance é, para alguns, intolerável. Outras vezes, esse efeito pode ainda desencadear um sentimento de vazio que busca ser preenchido de forma não produtiva ao sujeito como o uso de drogas e a sobrecarga de treinamento (VALLE, 2003, p. 91).

Moura et al. (2013) analisaram os significados referidos à experiência da dor física para atletas de rendimento. Em suas conclusões, os autores verificaram no discurso das atletas que “a dor física apresentou aproximação com a sensação de prazer, nas situações em que esta é passível de ser superada, ou quando é considerada como uma resposta do corpo ao alcance máximo de exigência” (MOURA et al., 2013, p. 1016).

Ainda com relação ao esporte de alto rendimento, Buceta (1996) destaca que a rigorosidade dos treinamentos e a autodisciplina exigidas podem se tornar fatores geradores de estresse, se não forem bem orientadas e reguladas. Além disso, o estilo de vida do atleta de alto rendimento interfere também na vida social, já que exige que ele possua uma rotina pesada de treinos e competições, incluindo viagens constantes, mudanças de cidades, de moradia e de grupos de amigos e colegas de equipe. O autor também cita alguns aspectos internos que podem se reverter em dificuldades a serem enfrentadas por esses atletas, como a alta cobrança e exigência constantes pela melhora de resultados, o nível de esforço exigido diariamente, bem como a forma de o atleta lidar com a situação de avaliação e pressão constante.

#### **4. Metodologia**

Na realização desse trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa. Godoy (1995) reflete que

a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy,

1995, p.58).

O grupo de sujeitos deste trabalho foi composto por dez ex-atletas de alto rendimento. A sua seleção foi feita por acessibilidade e o número de entrevistados foi estabelecido considerando-se o critério de saturação (DENZIN; LINCOLN, 1994), momento no qual as informações obtidas pelas entrevistas começaram a se tornar repetitivas (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). Os critérios básicos de inclusão/exclusão foram definidos a partir do tempo de prática dos ex-atletas, tomando-se como referência no mínimo dez anos de dedicação ao esporte (SALMELA, 1996; SALMELA; MORAES, 2003; ERICSSON et al., 2006; MACIEL; MORAES, 2008), bem como terem sido atletas profissionais (TENBAUM; EKLUND, 2007) e terem alcançado o alto nível de rendimento (COSTA, 2007). Neste sentido, foram selecionados dois ex-atletas de Ginástica Aeróbica, um de Ginástica Rítmica, três de Atletismo, um de Judô, um de Tênis de Mesa, um de Saltos Ornamentais e um de Caratê, que durante sua fase de alto rendimento compuseram as seleções Brasileiras nas suas modalidades e alcançaram resultados internacionais de expressão reconhecida.

Todas as entrevistas foram gravadas eletronicamente e posteriormente transcritas de forma literal. Aplicou-se entrevistas semiestruturadas (PATTON, 1980; TESCH, 1990; BAUER; GASELL, 2011), tendo em vista que ganham um espaço legítimo na produção do conhecimento para o acesso às perspectivas dos sujeitos estudados, pois partem da interação entre pesquisador e investigado para o acesso das informações a serem obtidas.

Após o tratamento das entrevistas, os dados coletados foram analisados por análise de conteúdo (BARDIN, 2011), técnica que tem sido amplamente utilizada na análise de comunicações nas Ciências Humanas e Sociais. Este tipo de análise abrange iniciativas de explicitação de informações, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens (BARDIN, 2011).

Para a realização da análise de conteúdo, foram seguidas as seguintes etapas:

- 1) Organização do material a ser analisado. A primeira etapa aborda, portanto, o delineamento amostral da análise de conteúdo, assim como ocorre um preparo do material, pela elaboração das perguntas, da

entrevista e organização da transcrição. Nesse processo, as hipóteses podem ser refeitas.

2) Exploração do material organizado. Nesta fase, ocorrem os procedimentos de codificação dos dados (recorte, enumeração e agregação).

3) Elaboração de categorias. Classificação e reagrupamento dos trechos codificados em categorias ou classes em razão de suas características.

## 5. Resultados e Discussão

O quadro abaixo apresenta o perfil dos participantes da pesquisa, facilitando a identificação dos mesmos nos trechos que serão destacados a seguir.

**Participante 1 (P1):** Homem, 54 anos. Ex-atleta de Atletismo, participou de quatro edições dos Jogos Olímpicos, nove Campeonatos Mundiais, três Jogos Pan-Americanos, sagrou-se campeão Mundial nove vezes consecutivas, campeão do Circuito Mundial de Grand Prix, dentre outros. Formação em Jornalismo, Marketing e Educação Física. Atua como técnico, preparador físico e realiza trabalhos de jornalismo e marketing esportivo em eventos internacionais.

**Participante 2 (P2):** Homem, 56 anos. Ex-atleta de Judô participou, obtendo resultados expressivos, de várias edições de Jogos Pan-Americanos e Campeonatos Mundiais, obteve como principal título o de Vice-Campeão Olímpico. Formado em Educação Física e atua como membro da Confederação Brasileira de Judô. É professor universitário, técnico de Judô e empresário.

**Participante 3 (P3):** Homem, 52 anos. Ex-atleta de Atletismo, fazendo parte da seleção Brasileira desde a categoria infantil até a categoria adulta. Conquistou pódios de diversos Jogos Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, atuando em diferentes provas de corrida. Graduado em Educação Física, mestre em Fisiologia do Exercício e doutor em Fisiologia Humana. Professor universitário e pesquisador.

**Participante 4 (P4):** Mulher, 33 anos. Ex-atleta de Ginástica Aeróbica. Foi membro da seleção brasileira da modalidade por 18 anos, com vários títulos Pan-Americanos e Mundiais. Graduação em Esporte. Técnica e professora de iniciação esportiva.

**Participante 5 (P5):** Mulher, 35 anos. Ex-atleta de Ginástica Aeróbica. Foi membro da seleção brasileira da modalidade por 20 anos, com vários títulos Pan-Americanos, campeã geral do World Series, campeã do World Games, 12 vezes campeã Mundial. Graduada em Educação Física e especializada em Nutrição Esportiva. Empresária e professora universitária

**Participante 6 (P6):** Homem, 68 anos. Ex-atleta de Atletismo, foi atleta da seleção Brasileira Universitária, campeão Sul-Americano. Possui graduação em Medicina Veterinária e mestrado em Zootecnia. Aposentado, tendo atuado na Secretaria da Agricultura de MG.

**Participante 7 (P7):** Homem, 37 anos. Ex-atleta de Saltos Ornamentais, diversas vezes campeão brasileiro e sul americano, participou de 3 edições dos Jogos Pan-Americanos, obtendo o vice-campeonato em uma delas, e de 3 Olimpíadas. Graduado em Educação Física. Trabalha no Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

**Participante 8 (P8):** Mulher, 62 anos. Ex-atleta de Tênis de Mesa, ganhou vários títulos, entre os quais o de Campeã Mineira, Brasileira e Sul-americana individual. Faz parte da elite de profissionais da arbitragem. Ganhou o status de Blue Badge (nome dado pela ITTF para os árbitros da elite internacional).

**Participante 9 (P9):** Homem, 29 anos. Ex-atleta de caratê e Kickboxing, tendo sido campeão sul-americano nesse esporte. Graduado em engenharia civil e empresário.

**Participante 10 (P10):** Mulher, 26 anos. Ex-atleta de ginástica rítmica, durante os 8anos de carreira atuou na equipe mineira da modalidade e na seleção brasileira. Graduada e Mestre em Educação Física, cursa doutorado e atua como professora.

A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada por grade mista. Foram definidas duas categorias principais, uma destinada às vivências de prazer dos atletas participantes, e outra às vivências de sofrimento. Durante a análise foram criadas subcategorias para facilitar a interpretação dos dados, cujos resultados são apresentados a seguir.

### 5.1 Vivências de Prazer no Esporte de Alto Rendimento

No conceito de prática deliberada de Ericsson (2003) o autor aborda, dentre outros aspectos, a ausência de prazer físico e psicológico durante a prática do esporte por se tratar de uma atividade com grande demanda energética e concentração excessiva, o que leva a inferir que o prazer esteja relacionado ao que se obtém pelo trabalho desenvolvido, como status social ou remuneração financeira. As vivências de prazer identificadas nas entrevistas foram divididas em quatro subcategorias: “Oportunidades proporcionadas pelo esporte”, “Vitórias e reconhecimento”, “Superação de dificuldades” e “Bem estar e diversão”.

Em pesquisa com atletas de voleibol, Vieira (2010) concluiu que o esporte influencia os atletas na busca por atingir objetivos e metas, à medida que propicia um ambiente positivo e experiências congruentes. Para os entrevistados, o esporte proporciona diversas oportunidades, como a possibilidade de estudar, viajar e viver uma vida longe da marginalidade.

Eu acho que uma outra grande virtude do esporte é não deixar você conviver com as coisas ruins, então pelo simples fato de você não estar do outro lado já é muito bom. (P7)

E aí naquele mesmo ano eu fui convidado pra vir pra Universidade de Indiana. E aí passei a treinar aqui nos Estados Unidos. (P1)

Quando eu fazia faculdade há muito tempo atrás, existia “Adote um Atleta”. Eu fiz minha faculdade (...) grátis. Olha pra você ver, isso há 40 anos atrás, que hoje tentam dar um incentivo, eu tive esse na minha faculdade. (P8)



Santos (2008) concluiu que as vivências de prazer sobrepõem a materialidade gerada pelo trabalho. No esporte, essa premissa também é válida, pois proporciona a realização de um sonho, que é trabalhar com o que se gosta, e o reconhecimento dos outros, o que acaba compensando o desgaste com o excesso de treinamentos exigidos. Nos trechos abaixo os atletas destacam a motivação em fazer o que gostam, destacando que o treinamento se tornava algo prazeroso.

Daí a gente ficou até 2001 separadas, aí foi nessa volta em 2001 que foi tudo muito mais assim... gratificante, talvez essa seja a palavra. Foi a vez que a gente conseguiu mais títulos, foi quando em 2004 a gente ganhou o mundial, foi quando a gente ganhou todos os títulos de copa do mundo, pan-americano e tal, e a gente consolidou a nossa carreira. (P4)

Eu considero um lazer que eu gostava e gosto, falo gostava por que não faço mais né, mas não faço devido a outros motivos assim, porque chega uma hora que a gente tem que priorizar uma coisa, né? E não tava dando tempo, né? Mas se eu tivesse assim um tempo, sabe? Treinar direito, treinar firme pra campeonato, eu voltaria sim, mas no momento não dá. (P9)

Lá (Europa) que a gente teve convívio com atletas de nível internacional, grandes atletas, grandes treinadores, a gente ficava assim vidrado naquilo, treinava com prazer, dividia espaço de treinamento com gente que ficamos assim, "gente o quê que é isso?", a gente curtia todo momento. (P10)

Para Dejours et al. (1994), o reconhecimento seria uma retribuição de natureza simbólica esperada pelo indivíduo, podendo fomentar a construção do sentido do trabalho para o trabalhador e sendo importante contribuição na transformação do sofrimento em prazer no contexto do trabalho, conforme apresentado a seguir.

Então as pessoas passam a te respeitar mais, porque não é qualquer um que viaja pro exterior, que representa o país fora, né? Então a vizinhança já me olhava com outros olhos, né? (P3)

Era aquela vaidade familiar e dos amigos de saber que tinha uma amiga, via no jornal (...) "Ah, a (atleta) foi campeã mineira e tal". (P8)

À medida que você vai ganhando títulos isso repercute, né? Então sempre enquanto eu estudei no colégio militar, aí eles falavam nas solenidades no microfone na frente do colégio inteiro, algumas vezes subi lá na frente com todas aquelas medalhas. (...) A minha treinadora também adorava que a gente chegava das competições no aeroporto com medalhas, com a família recebendo, então eu gostava desse

glamour. (P10)

Dejours et al. (1994) afirmam que o prazer no trabalho possui representação inconsciente, resultado de processos sublimatórios, podendo ter sua origem em ganhos obtidos junto ao trabalho, como a valorização. Nos trechos seguintes, são apresentados relatos em que a valorização dos atletas, por incentivos financeiros e materiais, se mostrou fator motivador a eles.

Aí, quando começou os incentivos financeiros foi uma coisa forte né, eu me senti bem, fazendo o que eu gosto, tá sendo minha terapia e eu tô ganhando dinheiro, tá bom demais, não posso reclamar. (P3)

Foi um incentivo pra mim porque foi meu passo, foi meu passo grande nesse ganhar uma madeira e uma borracha importada pra se ter uma raquete, uma raquete de alto nível como os paulistas tinham, todo mundo, Rio de Janeiro, né? (P8)

Mais do que apenas incentivos materiais e financeiros, o esporte contribui também para a construção da identidade do atleta, outro ganho destacado por Dejours et al. (1994). Conforme Lancman e Sznalwar (2004), a importância do trabalho na construção da identidade é um dos fatores mais significativos para a Psicodinâmica, compreendida como uma construção desenvolvida por toda a vida do sujeito. A seguir, é possível perceber a importância do esporte na transformação da vida dos entrevistados, possibilitando até mesmo a superação de adversidades.

Então o atletismo no começo era uma forma de fugir dum ambiente não vou dizer miserável, mas bem difícil. Era uma forma de mostrar alguma coisa não pras pessoas, porque eu nunca tive isso não, mas pra provar pra mim que eu tinha capacidade. (P3)

A filosofia do caratê né, é diferente, arte marcial oriental, é diferente de luta, é diferente de alguns esportes, então tem muita filosofia, tem muito respeito né, tem muito que manter a concentração nessas coisas, então isso daí me ajudou e é uma coisa que eu vou carregar pro resto da vida, com certeza. (P9)

Foi muito engrandecedor (treinamento na Europa), tanto no aspecto profissional como atleta né, tanto no aspecto pessoal. Você aprende a se virar, fazer coisas com dez anos que você não tinha que fazer, lavar a própria roupa na pia, de arrumar a sua mala todos os dias, porque se não você não acha nada...essas coisas que em casa as vezes eu não fazia tanto. (P10)

Discutiremos a seguir as vivências de sofrimento no esporte, próximo

tópico deste trabalho.

## 5.2 Vivências de Sofrimento no Esporte de Alto Rendimento

Para Alderson (2004), de acordo com a psicodinâmica do trabalho, o sofrimento é parte de toda situação de trabalho, sendo inerente à condição do homem no trabalho. No esporte profissional de alto rendimento, as vivências de sofrimento se encontram presentes na vida dos atletas.

As vivências de sofrimento identificadas nas entrevistas foram divididas nas subcategorias “Falta de apoio financeiro”, “Falta de reconhecimento”, “Rotina rígida e treinamentos puxados” e “Impactos na vida social e familiar”.

Dejours et al. (1994) afirmam que quando o trabalho não propicia a satisfação das necessidades físicas e psíquicas dos indivíduos, pode transformar-se em sofrimento, podendo vir a tornar-se uma patologia. Em trechos das entrevistas, os atletas participantes dão ênfase à falta de apoio financeiro.

Aí eu já estava começando a ficar cansado do esquema que tinha. Até em 1980 ninguém recebia nenhum incentivo financeiro não, acho que até 1981 sem incentivo financeiro que o atleta tinha nessa época. (P3)

Não tinha essa facilidade que tem hoje, de o pessoal ganhar dinheiro com o esporte, né? Na época o máximo que a gente ganhava é um alojamento assim precário, mas dinheiro mesmo não ganhava, não tinha. (P6)

O atleta no Brasil, dependendo do esporte, ele não tem aquele retorno, não disse ter retorno financeira, mas o ser humano precisa se manter né, tem necessidades, daquele espaço que você tá praticando. Ali agora não tem esse retorno, então você tem que migrar pra outro lugar. (P9)

A falta de apoio vai de encontro ao apresentado por Meira e Bastos (2011) quando afirmam que, embora existam programas federais e estaduais voltados à formação de atletas, esses programas se apresentam desconectados e não seguem um modelo organizacional que permita um melhor desenvolvimento dos talentos.

Cabe destacar que somente o retorno financeiro não tende a ser fator gratificante para o atleta de alto rendimento. Quando o atleta não percebe sentido no trabalho que realiza, vindo a encarar a atividade apenas como

necessária para suprir suas necessidades financeiras, perde o entusiasmo e pode sofrer com a situação, conforme apresentado no trecho a seguir.

Tinha o dinheiro do exército, tinha o dinheiro que o clube pagava minha faculdade. Então essa soma, o rendimento dava pra ajudar em casa. Então fazer atletismo já não era mais uma opção gratificante, já era uma necessidade financeira. (P3)

Ainda com base em Dejours et al. (1994), pode-se compreender a falta de reconhecimento pelo trabalho como um fator psíquico causador de sofrimento, conforme os trechos a seguir, onde os atletas destacam questões políticas e falta de apoio governamental como dificultadores da permanência no esporte.

Pra mim as coisas eram totalmente meritocracia. Se você vai bem tem benefícios, se você vai mal não tem. Então eu sempre corri atrás disso dessa forma e algumas outras coisas, algumas vezes questões políticas, não funcionavam da mesma maneira, e eu batia muito de frente com isso, né? E aí isso, às vezes, fazia eu não querer estar mais no esporte. (P7)

Eu acho o seguinte: o esporte no Brasil deveria ser levado mais a sério, né? Os atletas deveriam ser levados mais a sério pelos governantes, porque hoje em dia se vê muito na política, é chover no molhado o que eu to falando aqui né, mas vou falar mais uma vez. Os jovens tem que ter algum centro de referência, né? Se eles têm um atleta como referência ele vai querer ser um atleta e não um bandido. (P9)

De acordo com Dejours (2000), a exigência sobre o trabalhador para o aumento da produtividade leva à intensificação do ritmo de trabalho, desconsiderando a variabilidade do ritmo, os aspectos anatômicos, fisiológicos e cognitivos humanos, o que destrói as relações de cooperação, confiança e solidariedade, fazendo prevalecer o individualismo. No esporte, é possível verificar tal intensificação através do excesso de treinamentos impostos aos atletas e exigências para performances cada vez mais perfeitas. Por se tratar de modalidades individuais, onde apenas um pode conquistar o lugar mais alto do pódio, o individualismo acaba sendo uma condição para os atletas. A seguir são apresentadas situações vivenciadas pelos entrevistados que destacam os treinamentos pesados, bem como a cobrança rígida dos treinadores, como fatores causadores de sofrimento.

Teve uma época que três vezes ele (irmão) tentou me tirar do time,

porque ele achava que eu tinha que trabalhar. Primeira vez porque ele me viu em Araçatuba fazendo um trabalho de tração puxando um pneu no sol de 36 graus. Ele falou: “Cê ta louco?” Eu tinha 51 quilos, puxando pneu, ele falou: “Isso não se faz!” (P1)

Uma das minhas maiores dificuldades era esta, que eu não era um ginasta muito flexível, isso era uma exigência básica da modalidade. Então eu sempre tive que treinar muitos mais, e sofria com isso, tanto psicologicamente quanto fisicamente, que é um treinamento muito sofrido. (P10)

Eu acho que meu técnico quis que eu fizesse coisas além do que eu era capaz de fazer, então eu acho que essa lesão veio por isso, não por muito treino, mais sim acho que por falta de preparação e falta de preparação psicológica pra fazer. (P4)

Moura et al. (2013) concluíram que a dor física é um elemento indispensável na carreira do atleta, mas também limitador da prática esportiva, causadora de sofrimento e frustração, sendo compreendida pelos atletas como possibilidade de conhecer os limites do corpo nos treinamentos, e uma barreira a ser superada nas competições. Apesar das vivências de sofrimento identificadas, foi possível verificar que os atletas percebiam essas situações como normais no mundo do esporte, o que vai de encontro ao apresentado por Dejourns (2000), quando afirma que essa situação de intensificação é vista pelos trabalhadores como algo inerente ao trabalho e necessária para a manutenção dos empregos. O corpo é o instrumento do atleta moldado para atingir o rendimento máximo possível (BROHM, 1993).

Noce et al. (2011) destacam a importância de evitar a sobrecarga nos treinos, que podem causar sofrimento, exposição a lesões e aumento do estresse. Silva et al. (2010) analisaram a dor em atletas de alto rendimento e verificaram que vários participantes demonstraram que sentiam muitas dores, mas continuavam a participar das competições.

As lesões também foram identificadas nesta pesquisa como causadoras de sofrimento no esporte de alto rendimento, como fica evidenciado nos trechos abaixo.

Eu fiquei três meses parado, as duas lesões que eu tive. E quando eu parei né, quando tava com 35 anos, eu tava fazendo uma luta e o cara caiu em cima do meu ombro. Aí eu também tive uma fratura no ombro, né? (P2)

Em 1981 acabou minha temporada por contusão. Eu tive varias

contusões ao longo desses anos. (P3)

Muito novo eu me lesionei muito no esporte, então eu tive uma cirurgia na coluna, onde eu fraturei a vértebra com quinze anos. Fiz duas cirurgias de coluna até meus dezoito anos, então eu tive certo risco de ficar paralisado. (P7)

É possível perceber, conforme os trechos apresentados, que o sofrimento causado pelas lesões vai além da dor física, já que o atleta se vê obrigado a parar com seus treinamentos e atividades, o que prejudica a carreira no esporte. Apesar dessas vivências de sofrimento, os atletas se recuperam e voltam às práticas esportivas, conforme apresentado por Gonçalves et al. (2012).

A rigidez nos treinamentos e autodisciplina exigida dos atletas podem se tornar fatores geradores de estresse se não forem bem orientadas e reguladas, conforme apresentado por Buceta (1996). Nesta pesquisa, foi possível verificar que a disciplina rígida é uma exigência do esporte, mas pode proporcionar vivências de sofrimento, conforme os relatos.

Se você não tiver disciplina você não consegue nada. É aquilo: você tem que ter a hora de descansar, tem que ter né, porque num período que você faz duas horas de manhã, duas horas à tarde, igual a gente fazia né, então não era fácil não. Então você tinha que aproveitar né, descansando, alimentando na hora certa, tudo na hora certa. (P6)

Então a gente treinava em piscinas abertas, descobertas, que não tinha aquecimento, e no clima de São Paulo, né? Então é um inverno pra isso extremamente ruim, eu pegava lá sete meses do ano era completamente atípico pra gente praticar. (P7)

A alimentação era um pouco difícil, porque na ginástica também tem essa característica, na ginástica rítmica né, de ser um pouco mais magra. Então elas fazem isso meio que independente de saúde, né? Então o importante era você estar magra. (P10)

Outro ponto apresentado como gerador de estresse por Buceta (1996) é o estilo de vida do atleta de alto rendimento, que interfere na sua vida social, já que é marcado por uma rotina pesada de treinos a competições. Conforme Tsukamoto e Nunomura (2005), a carreira no esporte apresenta diferentes etapas, que culminam no alto rendimento, o topo da carreira esportiva. Nesse percurso para alcançar o topo, as competições vão se tornando mais difíceis, exigindo do atleta cada vez mais comprometimento e dedicação com pleno envolvimento para atingir resultados excelentes. A seguir há relatos em que é



possível verificar que a rotina puxada fez parte da carreira dos atletas participantes desta pesquisa.

Era muito puxada (rotina). Eu tinha que pagar a faculdade, treinar, aí eu trabalhava em três serviços. Final de semana treinava de manhã no domingo, treinava a noite segunda, quarta e sexta, quinta e terça musculação, à noite sábado e domingo entregava pizza, de dia fazia um bico de pintor, trabalhava na prefeitura durante a semana, durante o dia, e essa rotina, essa corrida. (P9)

Eu acho que uma outra dificuldade que eu tinha no dia-a-dia era a rotina também, que era extremamente cansativa. Eu acordava muito cedo para ir para aula, chegava em casa almoçava correndo, trocava de roupa correndo pra já ir para o treino. Chegava do treino em casa tomava um banho, me alimentava, ia fazer as tarefas. Meu sono não era assim suficiente, o meu descanso não era assim o suficiente, e isso às vezes em determinados períodos de treinamento acumula e vai gerando, um estresse psicofisiológico muito grande. (P10)

Destaca-se também alguns impactos da disciplina rígida e rotina pesada dos atletas que, conforme Buceta (1996), interferem na vida social desses indivíduos, já que demandam tempo com treinamentos e competições, viagens constantes, mudanças de cidades, moradia, grupos de amigos e colegas de equipe. É importante destacar que a carreira do atleta de alto rendimento se inicia muito cedo, em certas modalidades a partir dos cinco anos de idade (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005), o que leva a menos convívio com amigos e familiares.

Foi quando nós fomos convocados e foi pedido pra ir morar em Araçatuba, eu e a minha irmã (...) com 15 e eu com 17 (anos), e nós fomos uma geração que foi criados pra ficar junto com a família. Nós não era... nossa geração não era pra viajar e ficar longe dos pais. (P1)

Eu fiquei muito, desde muito pequeno, eu fiquei em clube, né? Eu não era criado, eu não fui criado pelos meus pais na verdade, fui criado pelos meus técnicos. Meu pai e minha mãe me viam de noite. (P7)

Com 10 anos eu passei um mês treinando na Bulgária longe dos meus pais, comendo comida estranha, não entendendo nada que os outros estavam falando. Com 13 anos eu já tinha conhecido vários países da Europa, já tinha competido representando meu país. Com 14 anos eu fui morar fora para representar a seleção brasileira. (P10)

Nos trechos acima foram apresentadas questões ligadas à família, como a distância exigida na vida de alguns atletas participantes dessa pesquisa. A seguir têm-se outras situações da vida social dos entrevistados que também

eram impactadas pela rotina rígida exigida no esporte.

É uma competição injusta entre a vida social de um adolescente, de brincar com os amigos, de sair pra festa, balada, namorar, pegar mulherada e tal, com a disciplina e a seriedade do esporte. (P7)

Às vezes deixava de sair pra ir treinar no outro dia cedo, deixava de fazer um monte de coisa devido ao compromisso né, dos treinos pra competir em alto nível, mas tudo na hora certa. (P9)

Pela análise dos relatos evidencia-se que as vivências de sofrimento no trabalho também estão presentes na carreira no esporte de alto rendimento.

## 6. Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi verificar vivências de prazer e/ou sofrimento no trabalho de ex-atletas de modalidades individuais de alto rendimento, que tiveram o esporte como profissão. Tanto as vivências de prazer quanto as de sofrimento foram identificadas corroborando como o trabalho não é somente um meio de autorrealização e reconhecimento, mas também de prazer e sofrimento.

Verificou-se que os elementos que compõem o cenário esportivo provocam no atleta tanto emoções positivas quanto negativas. Pelas categorias da análise de conteúdo, uma que agregou as vivências de prazer no esporte de alto rendimento, e outra as vivências de sofrimento, foi possível apreender essas questões na vida dos sujeitos da pesquisa.

No que diz respeito às vivências de prazer, os trechos selecionados nas entrevistas foram divididos em quatro subcategorias, sendo elas: “Oportunidades proporcionadas pelo esporte”, “Vitórias e reconhecimento”, “Superação de dificuldades” e “Bem estar e diversão”.

Já nas vivências de sofrimento no esporte de alto rendimento, as subcategorias identificadas foram: “Falta de apoio financeiro”, “Falta de reconhecimento”, “Rotina rígida e treinamentos puxados” e “Impactos na vida social e familiar”.

Com este trabalho pode-se concluir que, como nas demais profissões, a carreira no esporte de alto rendimento apresenta possibilidades diversas para os atletas, tanto de sensações de prazer como de sofrimento.

As condições ambientais para o desenvolvimento do esporte de alto

rendimento englobam aspectos referentes ao treinamento esportivo, condições psicossocioeconômicas e sistema organizacional do esporte na sociedade. Portanto, como nas demais profissões, cabe ao atleta buscar meios de enfrentamento das situações menos gratificantes, objetivando sempre conquistas prazerosas através da superação das adversidades, chegando a conquistar vitórias e reconhecimento, objetivo maior desses profissionais.

Sugere-se que novas pesquisas abordem as percepções de prazer e sofrimento no trabalho de atletas de alto rendimento em esportes coletivos, assim como em paratletas, em ambas as modalidades (individual e coletiva).

## REFERÊNCIAS

ALDERSON, Marie. La psychodynamique du travail: objet, considérations épistémologiques, concepts et prémisses théoriques. **Santé mentale au Québec**, v. 29, n. 1, p. 243-260, 2004.

ANDREATO, Leonardo Vidal et al. Perfil morfológico de atletas de elite de Brazilian Jiu-jitsu. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 18, n. 1, p. 46-50, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes. 9ª Ed., 516 p., 2011.

BRASIL. Lei n. 12.395, de 16 de março de 2011. Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei no 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/12395.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/12395.htm)>.

BROHM, Jean-Marie. 20 tesis sobre el deporte. In GONZÁLEZ, J. I.B. **Materiales de Sociología del Deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993.

BUCETA, José María. **Psicología y lesiones deportivas: prevención y recuperación**. Librería-Editorial Dykinson, 1996.

COB, Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/>>. Acesso em 05 de abril de 2017.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, 31 p., 2007.

COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2009.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

DEJOURS, Christophe. In S. Lancman & L. I. Sznelwar (Orgs.), **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz. Brasília: Paralelo, 2004a.

DEJOURS, Christophe. Novas formas de organização do trabalho e lesões por esforços repetitivos (LER): abordagem através da psicodinâmica do trabalho. **O trabalho humano com sistemas informatizados no setor de serviços**. São Paulo: Plêiade, p. 37-44, 2000.

DEJOURS, Christophe. **Banalização Da Injustiça Social**. FGV Editora, 1999.

DEJOURS, Christophe. **Fator Humano, O**. FGV Editora, 1997.

DEJOURS, Christophe et al. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de empresas**, v. 33, n. 3, p. 98-104, 1993.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez Oboré, 1992.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994.

DOBRÁNSZKY, István de Abreu; MACHADO, Afonso Antônio. Auto-eficácia: um estudo da sua contribuição para a avaliação de desempenho de atletas. **Psico USF**, v. 6, n. 2, p. 67-74, 2001.

ERICSSON, K. Anders. Development of elite performance and deliberate practice. **Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise**, p. 49-83, 2003.

ERICSSON, K. Anders; CHARNESS, Neil; HOFFMAN, Robert R.; FELTOVICH, Paul J. **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. Cambridge University Press, 2006.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de saúde pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo O Desenvolvimento Motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GLAZIER, Jack D.; POWELL, Ronald R. **Qualitative research in information management.** Englewood: LibrariesUnlimited, Inc. 2011.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 18, n. 3, p. 141-158, 2012.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record.** New York: Columbia University Press, 1978.

LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. **Rio de Janeiro: Fio cruz**, 2004.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Artmed; UFMG, 1999.

MACIEL, Luiz Henrique Rezende; MORAES, Luiz Carlos Couto de Albuquerque. Investigação da expertise de treinadores de ginástica aeróbica brasileiros usando análise de protocolo. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 3, n. 2, p. 241-258, 2008.

MEIRA, Tatiana de Barros; BASTOS, Flávia da Cunha. **Estrutura Organizacional Esportiva.** In: Böhme, M. T. S. (Org) **Esporte Infante Juvenil: Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo.** São Paulo: Phorte Editora, 2011.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MOURA, Petrucio Venceslau et al. O significado da dor física na prática do esporte de rendimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 4, 2013.

NOCE, Franco et al. Análise dos sintomas de overtraining durante os períodos de treinamento e recuperação: estudo de caso de uma equipe feminina da Superliga de Voleibol 2003/2004. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, 2011.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative evaluation methods.** Beverly Hills, CA: Sage, 1980.

ROSSI, Matheus Rizzato; VITORINO, Luciano Magalhães; SALLES, Ricardo Pombo; CORTEZ, Paulo José Oliveira. Estratégias de coping em atletas de

futebol feminino: estudo comparativo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 22, n. 4, p. 282-286, 2016.

ROSSI, Elisabeth Zulmira. Reabilitação e reinserção no trabalho de bancários portadores de LER/DORT: análise psicodinâmica. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SALMELA, John Henry. **Great job, coach!: getting the edge from proven winners**. Potentium, 1996.

SALMELA, John Henry; MORAES, Luiz Carlos Couto de Albuquerque. Development of expertise: The role of coaching, families, and cultural contexts. **Expert performance in sports: Advances in research on sport expertise**, p. 275-293, 2003.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas**. Manole, 2008.

SANTOS, Elise Alves dos. O trabalho dos bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea: uma perspectiva Psicodinâmica. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

SILVA, Elisa Martins da; RABELO, Ivan; RUBIO, Katia. A dor entre atletas de alto rendimento. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 3, n. 1, p. 79-97, 2010.

SILVA, Kássia Kely Gomes. O trabalho para o atleta profissional de futebol: uma perspectiva psicodinâmica. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIANIA, 2010.

STEFANELLO, Joice. Situações de estresse no vôlei de praia de alto rendimento: um estudo de caso com uma dupla olímpica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 7, n. 2, p. 232-244, 2007.

TENENBAUM, Gershon; EKLUND, Robert Charles (Ed.). **Handbook of sport psychology**. Hoboken, NJ: Wiley, 2007.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Myrian. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, 2005.

VALLE, Márcia Pilla. Atletas de alto rendimento: identidades em construção. 2003.

VAN ROSSUM, Jacques H.A. Perceptions factors of determining in athletic achievement: an addendum to Hyllegard, et al. (2003). *Perceptual and Motor Skills*, Missoula, v.98, p.81-5, 2004.



VIEIRA, Lenamar Fioreseet al. Análise do autoconceito de atletas de voleibol de rendimento . **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 315-322 , sep. 2010. ISSN 1981-4690.

VIEIRA, Lenamar Fioreseet al. Estado de humor e desempenho motor: um estudo com atletas de voleibol de alto rendimento. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Florianópolis**, v. 10, n. 1, p. 62-68, 2008.

WYLLEMAN, Paul; ALFERMANN, Dorothee; LAVALLEE, David. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of sport and exercise**, v. 5, n. 1, p. 7-20, 2004.